

Jennifer Lawrence: caso de amor com San Sebastián



PÁGINA 3

Musical sobre Raul Seixas volta ao Rival Petrobras



PÁGINA 7

Juzé, herdeiro das melhores tradições nordestinas

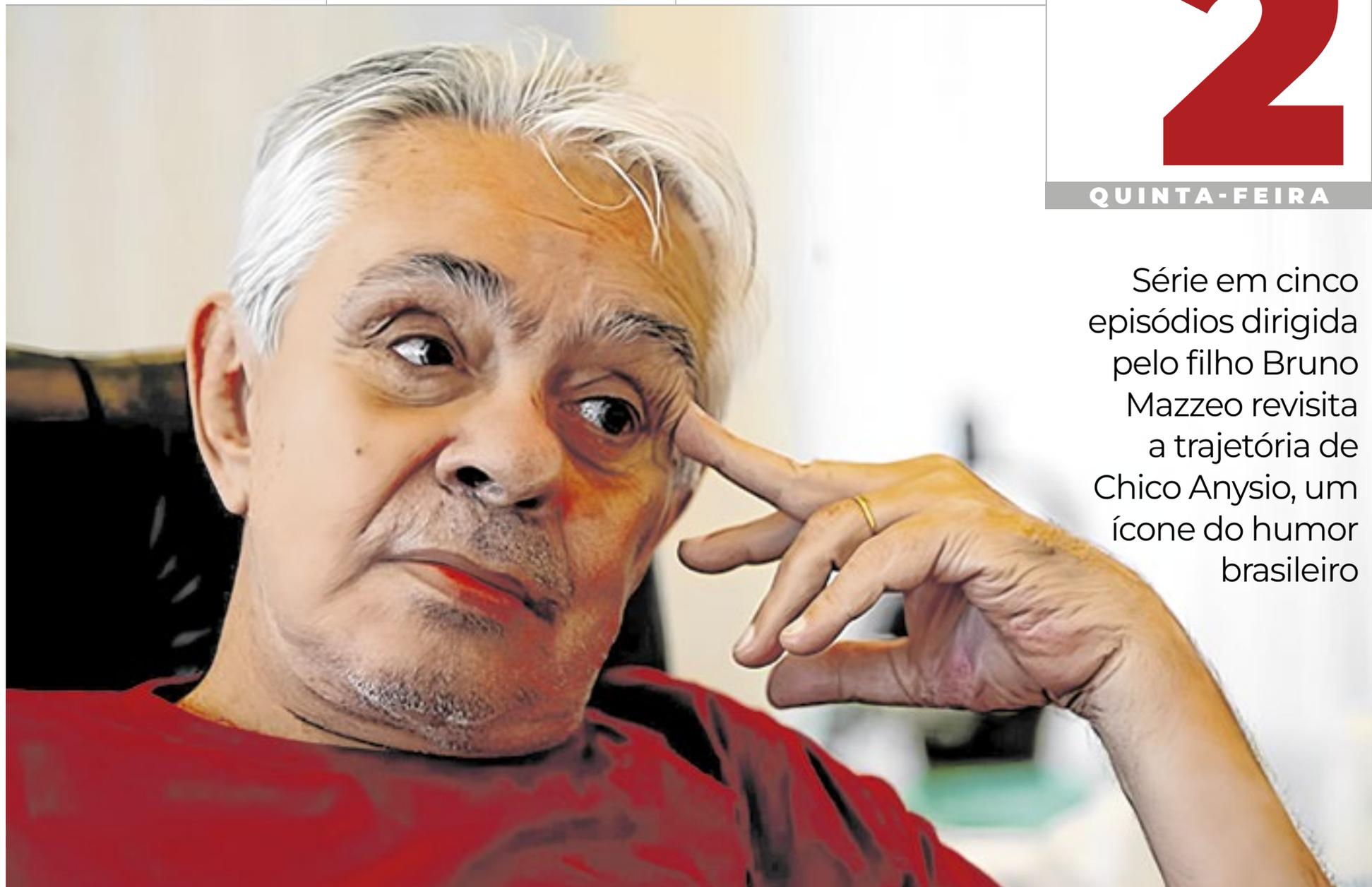


PÁGINA 8

#cm  
2

QUINTA-FEIRA

Série em cinco episódios dirigida pelo filho Bruno Mazzeo revisita a trajetória de Chico Anysio, um ícone do humor brasileiro



Divulgação

# O homem de 209 faces que buscava um personagem

Por AFFONSO NUNES

O Globoplay estreia nesta quinta-feira (25) “Chico Anysio: Um Homem à Procura de um Personagem”, série documental dirigida por Bruno Mazzeo que mergulha na trajetória de um dos artistas mais talentosos e versáteis que o Brasil já produziu. Sua versatilidade extraordinária o levou a criar uma galeria de 209 personagens humorísticos que se tornaram ícones da televisão brasileira e autênticos espelhos da diversidade social brasileira.

Bruno Mazzeo é um dos oito filhos do humorista que morreu em março de 2012, aos 80 anos, vítima de falência múltipla dos órgãos decorrente de um problema pulmonar crônico. “É uma homenagem ao Chico Anysio. Mas as pessoas vão ver, sim, a trajetória dele, mas também suas incertezas e inseguranças. Ele teve muitos casamentos, muitos filhos, mudou de time, de opiniões, fez muitos personagens. E, talvez, tenha feito tantos porque estava em busca de quem era”, conta o diretor sobre o projeto.

Continua na página seguinte

Reprodução



Baiano e os Novos Caetanos

Reprodução



Pantaleão

Reprodução



Salomé

Reprodução



Coalhada

Divulgação TV Globo



Professor Raimundo

# Uma personalidade complexa

**D**ividido em cinco capítulos, o documentário explora os antagonismos de uma personalidade complexa: Chico Anysio foi, por décadas, o artista com o maior salário do Brasil e ainda assim morreu deixando quase nada para seus descendentes. Teve seis casamentos, incluindo o relacionamento com a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, além de relações conturbadas com colegas de trabalho.

“A gente conversava bastante, eu me interessava por ele. Mas a maioria das pessoas do doc o conheceram antes de mim, viram a formação dele”, revela Bruno, que gravou na casa onde Chico nasceu, em Maranguape. “Vi meu pai com 50 anos, já consagrado. Mas tenho irmão que o viu ficar famoso morando num apartamentozinho, correndo atrás de sonhos, com ambições e inseguranças. Juntei um quebra-cabeça e consegui formar



Divulgação

**Justo Veríssimo, o deputado corrupto que odiava a população pobre, segue atual**

um retrato”, explica.

Entre as criações mais memoráveis de Chico Anysio estão o Professor Raimundo, com suas aulas nonsense que satirizavam o sistema educacional; o político corrupto Justo Veríssimo, que nunca perdeu a atualidade; o locutor Roberval Taylor, paródia dos comunicadores radiofônicos; o vampiro Bento Carneiro, que transformava o ter-

ror em comédia; o jogador estrábico Coalhada, que ridicularizava os estereótipos do futebol brasileiro; e Baiano, uma paródia a Caetano Veloso e à Tropicália. Esta parceria com o ator e músico Arnaud Rodrigues que nasceu em seu programa de TV Chico City fez tanto sucesso que se desdobrou em três álbuns.

Cada personagem funcionava

Glaco Firpo/Divulgação



**Com Bruno Mazzeo, Fernanda Montenegro exhibe foto do tempo que trabalhou com Chico Anysio em novelas radiofônicas**

Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho nasceu em Maranguape, na Região Metropolitana de Fortaleza, em 12 de abril de 1931, filho de um empresário do setor de transportes. Mudou-se para o Rio em 1938, quando o pai enfrentou sérias dificuldades financeiras.

Sem grandes planos na área artística inicialmente, Chico acabou na Rádio Guanabara, onde perdeu um concurso de locutor para Silvio Santos, mas entrou para o elenco de radioatores, trabalhando ao lado de Fernanda Montenegro. “Falar de colegas da dimensão dele toca o coração (...) Era uma comunidade de jovens à procura de um aperfeiçoamento para chegar em algum lugar, que não era o tradicional. Nós tínhamos uma fome de cultura. A rádio foi a minha universidade. Não nos largávamos”, afirma a atriz em depoimento dado a Bruno Mazzeo para o documentário.

Destacando-se nas técnicas de atuação e escrita, rapidamente se tornou um sucesso no humor radiofônico. Com a chegada da televisão, consolidou-se como um dos principais nomes da mídia que nascia. No início dos anos 1960, com o crescimento da TV no Brasil, passou a comandar o Chico Anysio Show, exibido na TV Rio entre 1960 e 1963.

Em 1969, transferiu-se para a TV Globo, onde criou personagens marcantes em programas como Chico City (1973-1980), Chico Anysio Show (1981-1990) e Escolinha do Professor Raimundo (1990-1995). O comediante também teve um quadro no Fantástico, exibido entre 1974 e 1991, consolidando sua presença em diferentes formatos televisivos e ampliando seu alcance junto ao público brasileiro. Seus shows de humor lotavam teatros pelo Brasil.

Chico Anysio teve uma vida amorosa novimentada. Casou-se seis vezes: com Nancy Wanderley, Rose Rondelli, Regina Chaves, Alcione Mazzeo, Zélia Cardoso de Mello, e Malga Di Paula. Além de Bruno Mazzeo, Chico teve sete filhos: Lug de Paula, Nizo Neto, Rico Rondelli, Cícero Chaves (1982-2021), Rodrigo Anysio, Victoria de Paula e André Lucas.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**Q**uando seu Oscar chegou, na esteira do sucesso de “O Lado Bom da Vida”, Jennifer Lawrence via completar 23 anos e, na sequência, da estatueta, emplacou experimentos de risco, com cineastas como Darren Aronofsky (“Mãe!”) e Adam McKay (“Não Olhe Para Cima”). Sucessos do naipe da franquia “Jogos Vorazes” (2012-2015) não se contabilizaram mais em sua estrada artística. Ainda assim, sempre que ela aparece, uma molecada enxerga em sua empoderada figura um ícone de afirmação feminina, o que justifica o troféu honorário que receberá nesta sexta-feira no Festival de San Sebastián.

É um reconhecimento de uma carreira que alcançou os holofotes há 15 anos, com “Inverno na Alma”. Antes do tributo (que ano passado ficou com Cate Blanchett e Javier Bardem), nesta quinta, a Espanha abre grade em sua mais respeitada maratona de filmes para conferir o show de atuação de Jennifer em “Morra, Amor” (“Die, My Love”), de Lynne Ramsay, em que contracenam com Robert Pattinson, Sissy Spacek e Nick Nolte. A produção concorreu à Palma de Ouro de Cannes.

Fazia um tempinho que a atriz de 35 anos não atraía holofotes, uma vez que seu trabalho de maior vulto anterior, a comédia “Que Horas Eu Te Pego?”, de 2023, naufragou no interesse de seu fã-clube. No novo longa, ela e Pattinson foram um casal errático, às voltas com a criação de um filho, ainda bebê. Na vida real, Jennifer é mãe de dois meninos, frutos de sua união com o galerista e artista plástico Cooke Mahoney.

“Ser mãe modifica cada decisão



# Sempre voraz

Oscarizada aos 22 anos, Jennifer Lawrence, hoje com 35, passa pelo Festival de San Sebastián para buscar prêmio honorário pelo simbolismo de seu talento no olhar de plateias juvenis

da gente. Eu não sabia que poderia sentir algo tão forte quanto a maternidade, o que me abriu um mundo novo”, disse Jennifer a Cannes.

Baseado no livro “Morra, Amor”, de Ariana Harwicz, o longa de Lynne Ramsay (diretora escocesa conhecida por “Precisamos Falar Sobre o Kevin”) é um ímã de lágrimas, bem ao estilo do que San Sebastián gosta, com seu apreço por folhetins e dramas viscerais. Na trama, Grace (Jennifer) luta para preservar a sanidade em meio a uma crise nervosa que se agrava conforme seu casamento com Jackson (Pattinson) se esfacela. A rotina materna agrava sua desarmonia interna, alimentada

pela inércia do lugar onde vive: uma zona rural de hábitos provincianos. Seu único apoio vem da afetuosa sogra Pam, personagem vivida por Sissy Spacek, atriz celebrizada na década de 1970 pelo terror “Carrie, A Estranha” (1975) e contemplada com o Oscar, em 1981, por “O Destino Mudou Minha Vida”.

“É um filme sobre um processo de renascimento. Era difícil diferenciar onde era a personagem e onde era eu, em relação ao papel de mãe”, disse Jennifer na Croisette.

Nesta quinta-feira (25), um outro achado de Cannes, “Vie Privée”, de Rebecca Zlotowski, pede passagem a San Sebastián.



**Jennifer Lawrence em ‘Morra Amor’, de Lynne Ramsay**

**A realizadora escocesa criou um rio de lágrimas na adaptação do romance homônimo de Ariana Harwicz**

Uma promessa de bilheteria milionária e indicações ao Oscar este thriller com um sagaz bom humor arranca uma atuação luminosa de Jodie Foster e apresenta o (ex futuro) casal mais fofo deste festival, formado por ela e por Daniel Auteuil. A estrela de “O Silêncio dos Inocentes” (1991) vive uma psiquiatra que suspeita de um possível assassinato envolvendo a morte de uma paciente. Auteuil vive um oftalmologista com quem ela foi casada e os dois têm um benquerer e um tesão ativos. Ele vai apoiá-la numa abilolada investigação. O papa do documentário americano Frederick Wiseman faz uma participação especial.

Em sua reta final, San Sebastián consagrou o longa policial japonês “SAI: Disaster”, de Yutaro Seki, no qual uma policial dedica anos de sua vida para desvendar uma série de assassinatos ligados a um homem performático, que vai de professor de matemática a operário para matar. É um dos roteiros de maior impacto entre os títulos da competição pela Concha de Ouro, que tem entre seus favoritos “Belén”, da atriz Dolores Fonzi, baseado num caso real da Argentina, sobre uma jovem que foi presa sob a acusação de cometer um aborto – o que não fez. O júri presidido por J.A. Bayona anuncia neste sábado quem ganha o quê.

# Futuro do pretérito para Lillian Hellman



Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

Diva do teatro e da literatura memorialista, a roteirista que devassou a moral dos EUA e irritou patrulhas anticomunistas ganha retrospectiva na maratona cinéfila do norte espanhol

**P**esquisas em livrarias digitais como a Amazon acerca da obra de Lillian Florence Hellman (1905-1984) nos levam a pérolas da escrita como “Uma Mulher Inacabada” (1969), “Penitimento” (1973) e “As Pequenas Raposas” (1939), publicadas aqui pela editora José Olympio. Memórias são a argamassa de sua carpintaria literária. Já as armadilhas do moralismo servem de magma para fazer ferver sua dramaturgia, avessa a hipocrisias. No cinema, no ofício de roteirista, ela emplacou uma voz autoral das mais tornitruantes, o que justifica a retrospectiva de seu legado audiovisual na 73ª edição do Festival de San Sebastián.

Desde 1959, quando homenageou o cineasta francês René Clair (1898-1981), o evento revisita títulos de ontem (e de sempre) a cada ano, dedicando-se vez ou outra a movimentos, como ocorreu em 2024, quando falou do poliziesco, a safra de thrillers de crime (muitos deles de tónus político) rodados na Itália.

A aposta deste ano se articula com o empenho da indústria cinematográfica espanhola para desafiar paradigmas da arte de roteirizar e leva-la para além dos padrões hollywoodianos. Os chavões do cinemão americano não afetaram Lillian, vide “Beco Sem Saída” (1937) e “Na Voragem da Paixão” (1963), que serão exibidos nesta quinta, na maratona espanhola.

“Lillian contribuiu com uma visão muito pessoal, mas roteiris-



Divulgação

O roteiro de Lillian Hellman para ‘Infâmia’ (1936) sofreu sob o crivo da censura

Divulgação



Lillian Hellman: a mulher como centro de sua obra

tas antes dela no cinema mudo já haviam trazido outros valores em relação à representação da mulher no cinema e às relações com os homens”, ressalta Quim Casas, curador das mostras do evento ibérico. “Na maioria de seus textos, a figura central é a mulher, ainda que seja ela condenada pela mentira, como no caso de ‘These Three’ (aqui chamado de ‘Infâmia’), embora nesta primeira adaptação de sua peça ‘The Children’s Hour’, a relação lésbica entre duas professoras te-

nha sido eliminada por causa da Censura. Às vezes, em sua obra, a mulher é erigida ao posto de titular de um matriarcado devastador, como a personagem Regina, de Bette Davis, em ‘The Little Foxes’ (‘Pérfida’).

Há um retrato de mulher em sua obra também no compromisso político, caso da esposa de um antifascista em ‘Watch on the Rhine’ (‘Horas de Tormenta’) e da figura vivida por Sylvia Sydney em ‘The Searching Wind’ (‘A Esperança

Não Morre’). Essa é a única personagem que entende o que vai acontecer na Europa quando Hitler e Mussolini chegam ao poder em seus respectivos países. Há ainda as mulheres subjugadas e, ao mesmo tempo, libertadas do thriller ‘The Chase’ (‘Caçada Humana’), embora este seja um roteiro de Hellman baseado em um romance de Horton Foote”.

Assombrada pelo caça às bruxas ligado a ideologias comunistas, Lillian inspira romancistas e contistas fora dos Estados Unidos, como o paulista de Amparo Marçal Aquino. Autor de “Eu Receberia As Piores Notícias Dos Seus Lindos Lábios” (2005), ele é um dos pilares do roteiro no país, sobretudo em suas parcerias com Beto Brant (como “O Invasor”).

“Lillian Hellman é um paradigma da intelectual que conseguiu conjugar criação e ação prática”, diz Marçal. “Pagou o preço que pagam até hoje as mulheres que vivem à frente do seu tempo. E escrevia bem, como se sabe pelo testemunho daquele que era seu primeiro leitor, um tal Dashiell Hammett”, diz, referindo-se ao autor best-seller das narrativas policiais que amou e foi amado por Lillian.

A América que a transportou para as telas é plural, segundo Quim Casas: “Há duas Hollywoods muito diferentes em torno de Lillian. Uma é a Hollywood do final dos anos 1930 e a da década de 1940, com o peso do cinema antifascista. A outra Hollywood é a do cinema americano dos anos 1960, quando o roteiro de Hellman para ‘Caçada Humana’, de Arthur Penn, está plenamente inscrito no esquema pré-cinema moderno. Quanto aos diretores com quem ela trabalhou, acredito que William Wyler foi quem melhor se entendeu com Hellman e quem melhor adaptou seus roteiros e obras originais”.

Na seara das retrospectivas, San Sebastián – que encerra sua programação no sábado – abre espaço ainda para um clássico do cinema português: “Aniki Bóbo” (1942), no qual Manoel de Oliveira (1908-2015) filmou o Douro a partir das peripécias de um garotinho.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**Q**ue bom “O Agente Secreto” não ter de encarar “Amélie et la Métaphysique des Tubes” em sua trilha - a cada dia mais sólida - rumo ao Oscar, porque, em San Sebastian, nem o thriller pernambucano, nem cults natos como “Foi Apenas Um Acidente” (que deu a Palma de Ouro) a Jafar Panahi têm chances de tirar o Prêmio Cidade de Donostia de Júri Popular do desenho animado franco-belga de Mailys Vallade e Liane-Cho Han.

No circuito das mostras competitivas da Europa, nenhuma mantém espaço mais regular - e nobre - pra animação autoral do que a maratona basca, que chega ao fim de sua edição n. 73 neste sábado. A adaptação do livro infantojuvenil de Amélie Nothomb sobre miscigenações culturais - e as magias que cercam os intercâmbios entre povos - é um ímã de aplauso pelo norte da Espanha.

## Metamorfose autoral

Polonesa Agnieszka Holland dispara na competição pela Concha de Ouro de Melhor Direção com ‘Franz’

Nascido em Praga, no fim do século XIX, em uma família judia tcheca de classe média (que falava alemão e iídiche), Franz Kafka (1883-1924) foi cristalizado no imaginário da literatura europeia por palavras que traduzem a exasperação diante da burocracia e da angústia de não pertencimento.

Apesar disso, turistas de todo mundo visitam os espaços por onde ele circulou como se fosse um espetáculo, num paradoxo que inspira um dos momentos mais críticos de “Franz”, o novo longa-metragem da artesã autoral polonesa Agnieszka Holland. Ela hoje dispara na competição pela



‘Amélie et la métaphysique des tubes’ explora as descobertas da infância

# Anima, San Sebastián

A animação franco-belga ‘Amélie et la Métaphysique des Tubes’ dispara como favorito ao prêmio de público do evento espanhol

“Nossa ambição sempre foi expressar a euforia da infância, numa história que atravessa diferentes estações do ano e as muitas emoções de uma menina”, disse Mailys ao Correio da Manhã em San Se-

bastián, celebrando os holofotes dados a uma dramaturgia animada que a Disney não mostra. “O meio de abordar a compreensão das diferenças, em nossa trama, passa por traumas e o debate sobre expatria-

ção na busca por identidade”.

Espécie de Cannes para classe animada, Annecy, festival francês realizado em junho, deu a Láurea do Público para “Amélie et la Métaphysique des Tubes”.

Divulgação



‘Franz’ concorre à Concha de Ouro em San Sebastián

Concha de Ouro do Festival de San Sebastián como favorita ao Prêmio de Direção.

“Quando adolescente, eu era mais intelectualizada do que sou

hoje e li Kafka quando tinha uns 14, mas eu percebo que ele vem e volta, mostrando-se mais atual do que nunca em meio às trevas que se espalham pelo mundo hoje”, afirma

Sua protagonista não se leva a sério, mas sofre com isso. Até aos dois anos e meio, Amélie descreve-se como um tubo digestivo, inerte e vegetativo. Então, surge o acontecimento seminal que a mergulha na micareta de descobertas que é ser criança. Durante os seis meses seguintes, ela descobre a linguagem e aprende a lidar com seus pais, com seus irmãos e com suas irmãs. Acha um paraíso no seu jardim e, lá, demarca suas paixões: o Japão (onde nasceu e onde vive) e a água. Delimita também quais são as suas aversões, entre elas, um peixe: a carpa. Nessa fase de porquês, toma noção do Tempo... e aprende a temê-lo. Sonha estar constituindo um “para sempre” para si, mas a vida vai pegar no seu pézinho.

“Esse filme custou em torno de 9,3 milhões de euros e começou a ser desenvolvido há sete anos com 150 profissionais em áreas diferentes de sua equipe, trabalhando de locais diferentes da França, onde o sistema de fomento nos assegura liberdade pra inventar”, disse Mailys, que aprendeu a amar animação depois de ver um VHS de “O Homem Que Plantava Árvores” (1987), marco de Frédéric Back. “Aí entrei em Miyazaki e seu ‘A Viagem de Chihiro’, o que fez a produção japonesa virar um lugar de referência para o meu cinema”.

O próximo projeto da cineasta será um filme em stop-motion.

Agnieszka ao Correio da Manhã.

Aos 76 anos, a diretora de cults como “Eclipse de uma Paixão” (rodado em 1995, com o jovem Leonardo DiCaprio no papel do poeta Rimbaud) renova seu prestígio ao abordar Kafka num mergulho não nos feitos, mas na cabeça do autor de “O Castelo” e de “A Metamorfose”. Criado como um caleidoscópico, o longa-metragem que tem tudo para levá-la ao Oscar - como representante da Polónia - conta com o talento do ator Idan Weiss no papel central.

“Não queria alguém que se parecesse com Kafka, mas, sim, alguém que captasse seu espírito”, diz Agnieszka, aclamada por plateias bascas. (R. F.)

Por Pedro Sobreiro

O Festival do Rio 2025 está chegando! E para dar um gostinho do que vem por aí, a organização do evento fechou uma parceria com a Warner para realizar a primeira exibição de “Uma Batalha Após a Outra” no Brasil no Cine Odeon, no Centro, o coração do festival a partir da próxima semana.

“Um filme do Paul Thomas Anderson é sempre um acontecimento. Eu lembro quando a Warner anunciou a estreia desse filme para 25 de setembro. Eu chorei para colocarmos ele no Festival, mas não deu. Então, conseguimos fazer essa pré-estreia para ensinar ao público do festival o caminho para o Odeon, para já ir acostumando com as sessões do Festival do Rio, que acontece do dia 2 ao dia 12 de outubro, com mais 25 salas. Será uma alegria para nós ver vocês reagindo a filmes como esse e muitos outros”, comentou Ilda Santiago, co-fundadora e diretora de programação do Festival do Rio.

E o filme é isso tudo mesmo. A trama acompanha Bob (Leonardo DiCaprio) e Perfídia (Teyana Taylor), uma dupla que se conhece em meio a atentados contra um Estado de viés totalitário. Eles organizam e executam solturas de pessoas presas pela imigração americana na fronteira com o México. Conforme os planos avançam, eles se apaixonam e têm um bebê.

Diante de delações e os perigos que essa nova vida trazem, a revolução se dissipa, com cada um seguindo seu caminho rumo ao anonimato. Porém, os anos se passam e Bob vive como um pai solteiro, que tenta criar sua filha adolescente. O problema é que um antigo inimigo dos tempos de revolução aparece para resolver uma “ponta solta” que deixou em sua jornada à favor do Estado, e não vai parar enquanto não sequestrar a menina e acabar com Bob.

O problema é que Bob se perdeu nas drogas nesses anos e não lembra mais como pedir ajuda para a revolução. Mas a revolução chega até ele, fazendo com que esse atra-



*Leonardo DiCaprio vive ex-revolucionário que tem a filha sequestrada, precisando embarcar em uma nova jornada contra agentes de um Estado totalitário*

# Para sentir o gostinho do Festival do Rio

‘Uma Batalha Após a Outra’ chega aos cinemas nesta quinta e promete fazer barulho na temporada de premiações

palhado herói de guerra embarque em uma jornada cheia de ação, adrenalina e trapalhadas.

É interessante reparar como um filme que aborda temas tão complexos como o autoritarismo no governo, a imigração e o papel das mulheres na sociedade consiga ser engraçado. Sim, por menos que pareça, o filme é uma comédia espetacular. Ele mescla o bom humor com a ação eletrizante, criando uma experiência fascinante de ser vivida numa sala de cinema.

A direção de Paul Thomas Anderson flerta com elementos dos antigos faroestes, mas com a roupagem dos grandes filmes de fuga dos anos 90, criando uma obra com um jeitão anacrônico bastante excêntrico, mas que funciona que é uma maravilha.

O auge é uma perseguição de carros em uma estrada isolada, cujas curvas e relevos são o principal fator de surpresa. Ele acompanha os quatro envolvidos na corrida, trazendo seus rostos para o foco e

compondo a perseguição com as curvas da pista. É de tirar o fôlego!

Mas o grande destaque de “Uma Batalha Após a Outra” é mesmo uma trinca de atuações que transborda competência. O Bob de Leonardo DiCaprio é espetacular. O personagem parece ter saído diretamente de “Dois Caras Legais” (2016), mas com mais camadas de desenvolvimento e motivação. Apesar de buscar sentido na vida, revivendo os chamados “dias de glória”, ele entra nessa furada exclusivamente pelo amor à filha.

Junto a ele, entra Benicio Del Toro como Sensei Sergio. Ele é o professor de artes marciais da menina, mas também é um agente oculto da revolução, que realiza a guarda da família esse tempo todo. Seu Sergio tinha tudo para dar errado, mas a

forma como Del Toro o compõe, carregado de ironia e falta de sentido na vida, quase como um “psicopata do bem”, faz dele uma inusitada e hilária adição para a trama.

Por fim, o personagem de Sean Penn, um dos vilões da trama, é completamente fora de série. Ele faz de tudo para recuperar seu prestígio, incluindo tirar vidas. É a síntese de tudo que há errado com o militarismo, mas conduzido de um jeito que prende muito a atenção. O público quer saber até onde esse mimado sem noção vai chegar para conseguir o que quer. É como se pegassem o Kiko, de “Chaves”, e dessem um arsenal nas mãos dele.

O trabalho desse trio é magnético. Piscar não é uma opção quando eles aparecem em cena, tamanha a grandiosidade dessas atuações, principalmente a de Sean Penn, que cria um dos personagens mais sensacionais de sua gloriosa carreira.

Se esse filme foi o “esquenta” do Festival do Rio, o público pode esperar uma programação sensacional, porque já começaram com “Uma Batalha Após a Outra”, que é o melhor filme de 2025 até o momento.

Frenético, “Uma Batalha Após a Outra” já nasce clássico ao criar uma experiência sensorial que precisa ser vivida numa sala de cinema. É uma obra-prima!

# Para entender Raul

Dalton Valério/Divulgação



Bruce Gomlevsky dá vida a Raul Seixas e suas angústias

Com base em documentos do artista, musical com Bruce Gomlevsky mergulha na essência do roqueiro baiano e de seu processo criativa

Por Affonso Nunes

**D**evido ao sucesso de público em sua primeira passagem pela casa, o espetáculo “Raul Seixas, O Musical” volta ao Teatro Rival Petrobras nesta quinta e sexta-feiras (25 e 26), às 19h30. A montagem, com direção e dramaturgia de Leonardo da Selva, direção musical de Gabriel Gabriel e interpretação premiada de Bruce Gomlevsky, mergulha na intimidade criativa do roqueiro baiano durante uma noite de insônia em que ele compõe, escreve e reflete sobre sua trajetória.

A dramaturgia tem como base manuscritos originais de Raul Seixas, material raro que expõe suas reflexões sobre arte, ética, amor, liberdade e o papel do artista

na sociedade.

Já o repertório musical abrange mais de 20 canções, incluindo as clássicas “Maluco Beleza”, “Metamorfose Ambulante” e “Eu Nasci Há Dez Mil Anos Atrás”, além de influências declaradas como “Lucille” (Little Richard) e “Blue Suede Shoes” (Elvis Presley).

Com este trabalho o talentoso Bruce Gomlevsky acrescentou mais um prêmio em sua galeria. Ganhou o prêmio de Melhor Ator na edição 2024 da Festa Internacional de Teatro de Angra (Fita) por sua interpretação que foge da caricatura, privilegiando a complexidade psicológica do personagem. Ele incorpora sutilmente a prosódia baiana e explora as contradições de um artista dividido entre tradição nordestina e modernidade roqueira.

Na sessão de sexta-feira Kika Seixas, que foi casada com Raul e é a responsável pelo legado do artista, estará no teatro autografando seu livro “Baú do Raul”.

## SERVIÇO

RAUL SEIXAS, O MUSICAL  
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia) | 25/9, às 19h30  
Ingressos entre R\$ 42 a R\$ 130

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

### Repertório mutante

Duda Brack apresenta o show “Voz & Solidão” nesta quinta-feira (25), com sessões às 20h e 22h30, no Blue Note Rio. O espetáculo intimista, criado a partir das lives da artista gaúcha durante o isolamento social, traz apenas voz e violão em interpretações em tom confessional. A ideia é de shows únicos, cujo repertório muda conforme as canções que tocam no coração da intérprete no momento. O show desta vez conta com participação especial de Simone, uma das rainhas da MPB.

Divulgação



### Um garotão de 80

Marcos Valle, quem diria, oitentou. Na esteira da comemoração da data, o cantor e compositor apresenta o show “80 Estações” nesta quinta-feira (25), às 19h, no Espaço Cultura BNDES, com entrada gratuita. O compositor, arranjador e intérprete, autor de mais de 1.200 músicas gravadas por Sarah Vaughan, Chicago, Dizzy Gillespie, Oscar Peterson, Jay-Z, Kanye West, Elis Regina, Tim Maia e muitos outros, apresenta seus grandes sucessos ao longo de 62 anos de carreira. O espetáculo reúne clássicos do repertório do artista que influenciou gerações na música brasileira e internacional.

Divulgação



Divulgação



### Samba e conversa

O Al Farabi, junto à Praça 15, apresenta programação intensa na última semana de setembro. Nesta quinta (25), a livraria recebe, às 18h, o Samba da Sede com Leandro Pereira, Matheus Camará, Thainara Castro e Vivi Amaral, trazendo batucada das escolas do subúrbio e madrugadas cariocas. Na mesma noite acontece o encontro “Economia, cerveja e democracia” com o professor Miguel Bruno, debatendo “Economia e Soberania Nacional”. Como já virou tradição, o espaço une cultura, samba e tradição popular no coração da cidade.

# Juzé.

## Da Paraíba (e do mundo)

Multiartista apresenta nesta quinta no Planetário prévia de seu primeiro trabalho fonográfico 100% dedicado ao forró

Por **Affonso Nunes**

**D**esde Luiz Gonzaga e Dorival Caymmi o Nordeste dá régua e compasso à música brasileira. A lista de talentos forjados na região é tão grande que demandaria mais que o espaço desta página para citar. Cantor, compositor, ator e poeta, o multiartista paraibano Juzé se apresenta, com propriedade, como um dos caçulas da relação. E para quem ainda não o conhece, uma boa pedida é conferir o show que antecipa o lançamento de seu novo EP, “Mormaço de Fogueira”, nesta quinta-feira (25), no Teatro Domingos de Oliveira, no Planetário da Gávea.

O trabalho inteiramente dedicado ao forró será lançado oficialmente em 8 de outubro, data em que se celebra o Dia do Nordestino. Radicado no Rio desde 2021, cantor e compositor coleciona conquistas e reconhecimento de nomes consagrados como Elba Ramalho, Alceu Valença e Chico César, além de ter sido incluído pela revista Rolling Stone na seleta lista Future of the Music ao lado dos brasileiros Jotapê, Chico Chico, BaianaSystem e Rachel Reis.

Para Juzé, a identidade nordestina é fundamental em sua música. “O Nordeste é uma digital muito bem definida dos seus. Muitas vezes caricata aos olhos do outro. Mas pelo olho nosso, sabemos ver nosso povo, do Maranhão à Bahia”, diz. “É desse DNA que se imprime minha música. Do que vem no sotaque do terraço da minha família às ruas do centro das cidades que andei. O sertão que senti em mim. Mesmo com a dinâmica mutável das gerações, nosso sentimento de pertencimento é definido”, acrescenta.

O EP “Mormaço de Fogueira” é seu primeiro trabalho solo dedicado ao forró, con-

tando com participações de Flávio José, Elba Ramalho, Maciel Melo e Juliana Linhares. Para o artista, esses encontros musicais “significam sonhos vivos”. “Um menino que ouvia essas energias sem saber muito bem o que elas eram, seu tamanho ou expressão midiática. Apenas sentia pelos auto falantes de sons dos outros e a arte deles ficou em mim. Como perfume depois de dançar forró agarrado. Eles são parte de minha arte”, comenta.

A apresentação desta noite mostrará a versatilidade de Juzé como compositor e intérprete em músicas conhecidas de seu público, incluindo “Agarrado”, “Nordeste Destino”, “Doce Confeito Mel” e “Mêi Sargaço, Meio Mato”. O repertório também traz canções já lançadas nas plataformas digitais, como o xote “Rede no Cangote” e o feat com Elba Ramalho “Fé em quem me Deu Valor”, além de releituras próprias de sucessos de artistas que admira, como Zé Ramalho (“Banquete dos Signos”), Lenine (“Hoje Eu Quero Sair Só”) e Ney Matogrosso (“Homem com H”).

A noite promete duetos com os convidados especiais Luã Yvys (filho de Elba), Raya e Mantuano, Suzy Lopes, Gabi Blue e Marco França. “O Rio de Janeiro é minha segunda casa. A cidade que me abraçou, que me deu a oportunidade de ser um artista completo de maneira muito natural. O Rio abraça o nordestino e também é feito por muitos deles”, destaca.

Apontado como um dos principais herdeiros da música nordestina em sua geração, Juzé vem construindo carreira sólida com sonoridade versátil, performance visceral e carisma com o público. Atualmente pode ser visto no encerramento dos episódios da série documental “São Julho – O Nordeste em Festa” (Globoplay). Depois de se destacar nas novelas “Mar do Sertão” e “No Rancho Fun-



“Minha música tem uma coluna vertebral nordestina e tentáculos universais: mouros, ciganos, ingleses, africanos, jamaicanos, mexicanos, americano”

Juzé

do”, Juzé estreou no cinema e foi indicado a Melhor Ator Coadjuvante pelo curta-metragem “Habeas Pinho”, sobre um seresteiro que teve o violão confiscado pela polícia.

Sobre suas experiências em outras linguagens artísticas, Juzé revela como elas influenciam sua música e sua carreira de ator. “Levo a forma de interpretar canções. E cada vez mais vejo o quanto elas são importantes e a interpretação delas merece atenção. Merece entrega, sentimentos e paixão pelo momento que se defende canções e se passa a ser defendido por elas. As cênicas sempre estiveram presentes na minha vida ligadas a esse objetivo. O olho no olho entre palavra, canção, e corpo”, explica.

O lançamento do novo trabalho de Juzé

coincide com a campanha para o reconhecimento do forró como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco. “Minha música tem uma coluna vertebral nordestina e tentáculos universais: mouros, ciganos, ingleses, africanos, jamaicanos, mexicanos, americanos. Será um prazer receber vocês”, avisa o multiartista que se define como brasileiro e cidadão do mundo “de raiz”.

### SERVIÇO

JUZÉ - MORMAÇO DE FOGUEIRA  
Teatro Domingos Oliveira (Planetário da Gávea - Rua Vice-Governador Rubens Berardo, 100)  
25/9, às 20h  
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)